

Manipulação e segregação social: bases para uma política corrupta

(Handling and social segregation: the foundation for a corrupt political)

Bruno Guerreiro Martinez¹; Patrícia Alves Martins dos Santos

¹Centro Universitário UNIFAFIBE – Bebedouro SP
bruno10.martinez@gmail.com

²Centro Universitário UNIFAFIBE – Bebedouro SP
patricia_amsantos@hotmail.com

Abstract. *If the man wants equality and honesty, that this act with such qualities, even if discreetly, the community has the strength to change, the union becomes a people into a nation. And gradually, the policy would also be affected, bringing a new look to what seems hopeless, there is no other way, change is long-term, because the rot brought up for centuries, and no palliative measures, with a single focus, the restoration of a nation that has lost its character and is taken by corruption, would be imminent.*

Keywords. *manipulation; social segregation; corrupt politics.*

Resumo. *Se o homem quer igualdade e honestidade, que este aja com tais qualidades, mesmo que de forma discreta, a coletividade tem a força para a mudança, a união transforma um povo em uma nação. E de forma gradual, a política também seria afetada, trazendo uma nova roupagem a aquilo que parece irrecuperável, não há outra forma, a mudança é em longo prazo, pois a podridão instaurou-se há séculos, e sem medidas paliativas, com um único foco, a restauração de uma nação que perdeu seu caráter e se encontra tomado pela corrupção, seria eminente.*

Palavras-chave. *manipulação; segregação social; política corrupta.*

1 Introdução

Muito tem se discutido a cerca da corrupção no país, ultimamente, o tema tornou-se carro chefe entre os assuntos diários da população. No entanto, os motivos e suas origens, são, diversas vezes, desconhecidos. Desta forma, este artigo procura traçar um paralelo entre o egoísmo e individualismo instaurados na política e na própria sociedade, educação publica

deficitária, com baixo investimento na formação intelectual dos jovens, e, com a própria manipulação exercida pelo Estado, para desarmar o poder do povo, com o intuito de amenizar ou mesmo encobrir os efeitos da corrupção.

Com o texto, procura-se esclarecer também, o quanto a sociedade moderna tornou-se intolerante e violenta, além, de totalmente desintegrada e desorganizada. Os efeitos desta fragmentação, um tanto quanto incentivada, são mostrados e analisados, de maneira a desmistificar preceitos e aparências antes cunhadas.

Por fim, o texto apresenta possíveis soluções para os descritos problemas, que, nada mais são que mudanças em hábitos e vícios do cotidiano, simplesmente iniciar uma mudança no Estado não satisfaria as necessidades eminentes. O povo deve entender primeiramente o que significa, de fato, uma mudança, para, só assim, um povo torna-se uma nação pronta para desestabilizar um sistema corrupto.

2 Corrupção

O termo corrupção surgiu a partir do latim *corruptus*, que de forma abrangente significa decompor, deteriorar algo. Por tanto, é atribuída ao corruptor à habilidade de degradar ou perverter aquilo que, em regra, deveria ser decente.

A ideia de corrupção, ao contrário do que muitos pensam, não é produto dos tempos modernos. Desde muito antes de Cristo, a noção de desregramento político e social já havia materializando-se na sociedade, e inaugurava em teses de grandes pensadores da época.

No século IV a.C., por exemplo, um dos mais conhecidos nomes da filosofia grega, Aristóteles de Estagira, já classificava a corrupção como um desvio, uma alteração do conteúdo, de forma a corromper a ética do homem.

Analisando o período Clássico, nota-se que a política estava em ascensão, tendo nascido na Grécia à essência da política que conhecemos hoje. Aquela região denominada *Hélade* consistia na junção de cidades-estado ou *pólis*, e dentre estas Atenas vivia uma democracia, sendo a única *pólis* a ter um regime democrático.

Em Atenas, o cidadão considerado bom, era aquele que participava e se importava com a comunidade. Porém, com o surgimento de ameaças externas como a Macedônia e a Pérsia, e mais tarde a Guerra do Peloponeso, Atenas perdeu seu equilíbrio e uma crise de valores espalhou-se sobre a cidade-estado, e em decorrência disto os ideais democráticos acabaram esfacelados. Dessa forma, as portas se abriram para a entrada da corrupção.

A corrupção se perpetuou pelos séculos, e como um vírus que se espalha, difundiu-se pelos continentes, ultrapassando ideologias e regimes políticos. E no dia 22 de abril de 1500 chegavam ao Brasil treze caravelas, comandadas por Pedro Alvarez Cabral, que traziam “desbravadores” portugueses, doenças infecciosas e um rastilho de corrupção.

Dentro do cenário brasileiro observa-se o caminhar e a evolução desta deterioração das condutas éticas no âmbito político, atravessando o período colonial, o imperialismo a Proclamação da República, dentro de regimes democráticos e autoritários. Diante dos fatos, conclui-se que a corrupção não é exclusividade brasileira e tampouco símbolo do final do século XX.

2.1 Corrupção como problema social brasileiro

A corrupção não é uma conduta restrita ao cenário político, tão pouco integra somente os grandes escândalos.

Definindo que política é um termo originário do grego *politiká*, derivação da palavra *pólis*, e que de uma forma abrangente, significa aquilo que é público, podemos afirmar que a ação política esta diretamente ligada as nossas relações sociais.

Com a notória expressão ‘animal político’ (*politikon zoon*) cunhada pelo filósofo Aristóteles, em sua obra A Política, reforça-se a ideia de política do cotidiano, esclarecendo a ideia do homem como um ser fadado a viver em sociedade, que necessita da companhia de seus semelhantes para atividades consideradas políticas. Desta forma, mesmo os pequenos atos efetivados entre pessoas, como acordos e decisões, dentre outros, são considerados políticos.

Por tanto, a corrupção segue esta mesma linha de raciocínio, aflorando em pequenos atos dentro das relações humanas, surgindo como pequenos vícios comportamentais, que por vezes são considerados rotineiros, e passam despercebidos aos olhos dos menos atentos. Como exemplo tem-se as famosas praticas de deixar de dar notas fiscais, falsificar carteirinhas de estudante, roubar TV a cabo e até mesmo o simples ato de furar fila. Segundo uma pesquisa realizada pela Universidade Federal de Minas Gerais em conjunto com o Instituto Voz Populi, cerca de 23% das pessoas questionadas afirmaram que dar dinheiro a um guarda para evitar uma multa não se classifica como um ato corrupto.

A corrupção política acaba alimentando a corrupção cotidiana, mas aceitar e praticar esses pequenos atos no dia-a-dia acaba legitimando a “corrupção maior”. Por tanto, o famoso

‘jeitinho brasileiro’ usado como método para adequar as leis a costumes, muitas vezes ilegítimos, não pode servir de máscara para uma distorção de valores éticos.

2.2 Descaso e crise na cena política atual

O cenário atual brasileiro é de caos, o Brasil vive um período de provação, onde a política parece não estar realmente voltada ao povo, mas justamente estranha a este. Porém a ideia de que a política é sinônimo de degeneração não deve ser evocada, já que o homem é quem faz a política, e não o contrário.

De tanto ver triunfar as nulidades; de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça. De tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar-se da virtude, a rir-se da honra e a ter vergonha de ser honesto.

Em tese uma democracia paira sobre o país, e no final de 2014 vivenciamos uma eleição presidencial, das mais acirradas. E o que parecia ser uma luta entre candidatos preocupados com o futuro da população, na verdade revelou-se um embate entre partidos, velhos inimigos aliás. Conflito este, que ultrapassou as eleições e se perpetua pelo novo período presidencial.

Através das décadas, são-nos apresentados diversos escândalos de corrupção, envolvendo dinheiro público, que partem de diversos líderes e funcionários do governo, e por tanto representantes do povo. Isto acaba evidenciando o extremo descaso com as necessidades alheias, o individualismo exacerbado e a ganância que fere a imagem da pátria. A cada dia que passa, o homem se preocupa menos com a comunidade e com a cooperação, deixa os interesses de seus iguais de lado, para realizarem seus insanos desejos de poder econômico.

As bases para transformar um país em uma nação são negligenciadas de todas as formas possíveis. A educação é de longe adequada, sempre vista nas últimas posições em listas de excelência em ensino por todo o mundo. Uma cena onde a própria escola pública não prepara o aluno para um simples vestibular, deixando clara a desigualdade entre quem pode pagar um ensino particular e quem não pode. Um país onde um profissional vital como o professor é desmoralizado e humilhado todos os dias, sendo em matéria de condições de trabalho, insegurança, instabilidade, e remuneração vergonhosa.

As dívidas internas e externas do país vão a níveis estratosféricos, e enquanto isso o governo insiste em obras como estádios, arenas, entre outras, para satisfazerem uma olimpíada de corruptores, que superfaturam obras, e desviam verba. E no momento em que estrangeiros

e brasileiros da alta classe econômica vibram nestas ‘confraternizações mundiais’, muitos outros vibram de fome e frio em vielas desconhecidas, morrem nas filas do sistema público de saúde, ou são humilhados em seus trabalhos, mas precisam continuar, pela sua sobrevivência.

Enquanto o egocentrismo reinar absoluto como essência dos governantes, a corrupção tornar-se-á concreta na nossa sociedade, o descaso permeará todos os âmbitos públicos, e o caos somente aumentará.

3 A ignorância

A falta de raciocínio crítico parece ter se tornado essencial para nossa sociedade, de forma a transformar a busca por conhecimento em mero desgaste desnecessário. Nossa pátria educadora prefere ocultar e manipular índices de analfabetismo, de forma a transformar um país, visto pelo mundo como atrasado educacionalmente, em uma nação de altos níveis em educação.

Segundo estudos internacionais, o investimento brasileiro anual por estudante foi de aproximadamente US\$ 3.066 em 2011, quantidade considerada baixa quando comparada a países de renda similar a nossa como Turquia (US\$ 3.240), México (US\$ 3.286) e Hungria (US\$ 5.410), além de passar quilômetros de distância da média de US\$ 9.487 do conjunto de países que compõem a OCDE (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico). Os dois países que encabeçam esta lista são Suíça (US\$ 16.090) e Estados Unidos (US\$ 15.345).¹

Com a educação a tais níveis um país não consegue se organizar, todas as demais áreas, tanto econômica, de desenvolvimento humano, tecnológica, tornam-se deficitárias.

O conhecimento é base para uma sociedade bem estruturada e acima de tudo, crítica e autônoma. Contudo, com a forma que este setor é tratado uma dúvida paira sobre todos: Será que os governantes querem uma sociedade crítica? Questão esta, analisada em vários outros períodos e nações. Quanto menos informado um povo é mais fácil se torna enganá-lo.

O termo ignorância nem sempre possui significado pejorativo, como quando aplicado à falta de instrução ou erudição, ou mesmo como sinônimo de estupidez ou imbecilidade. Trataremos também deste termo como qualidade daquele que ignora o real conhecimento. Em outras palavras, pode-se afirmar que aquele que pensa possuir conhecimento sobre tudo, ou apenas com suas próprias fundamentações, sem pesquisa ou reflexões, afirma ‘saber’, acaba por abandonar a verdade e ignorar a ciência.

Mesmo aparentando ser inofensiva a falta de conhecimento pode se tornar destrutiva, a ignorância é um dos males que afeta a população mundial que poderia ser combatido se investimentos fossem realizados para tal. Enquanto a ignorância de massa estiver ao lado da desigualdade, uma sociedade não conseguira evoluir, e estagnada no tempo ficará.

3.1 Analfabetismo político contemporâneo

O termo analfabetismo político foi cunhado pelo alemão Bertolt Brecht em um poema intitulado “analfabeto político” do século XX, e servia para descrever uma pessoa que se considerava totalmente apartada da política, aquela que se dizia independente desta e até mesmo odiando-a. Porém, segundo Brecht, tais pessoas na verdade não conheciam o real significado de política, o que as tornavam, de certa maneira, culpadas por muitos dos males das sociedades.

Hoje ainda é nítida a existência de pessoas com estas características descritas no século XX. Pessoas estas, que não se importam com o cenário político, de forma alguma leem ou discutem sobre política, ou mesmo desligam a TV durante propagandas ou momentos de debates políticos. Estas atitudes são em sua grande maioria adquiridas dos pais ou familiares, e, portanto, tornam-se normais e aceitáveis em seus meios sociais, facilitando a disseminação destas práticas.

Entretanto, existe uma subcategoria deste termo, que pode ser classificada como analfabetismo político contemporâneo. E qual seria a diferença entre estes dois grupos? A diferença se encontra na forma de agir.

O primeiro, descrito no século passado, não tinha conhecimento sobre política e, portanto não se colocava em meio a discussões ou debates, era totalmente desconexo em relação a este tema.

Já o analfabeto político dos tempos modernos, também é desconhecedor e ignora tais temas políticos, porém, diferentemente do anterior, este participa e opina sobre o âmbito político, mesmo sendo suas ideias absurdas e delirantes. Na maioria das vezes fortalecem opiniões que ferem nossa democracia, nossos direitos e garantias, inclusive usando-se de formas desleais para pregar suas tolices aos demais.

Estes desconhecedores defendem verdades absolutas, como se possuíssem uma sabedoria plena e intrincada, e levantam bandeiras que veneram o absurdo. O fato da ocorrência regular destes eventos no Brasil está intensamente ligado aos baixos índices de

educação, impedindo que muitos consigam discernir e raciocinar em decorrência de sua falta de conhecimentos mínimos para tais. De autoria desconhecida, porém muitas vezes atribuída a Francis Bacon, a frase “conhecimento é poder” é um claro exemplo do exposto anteriormente, porém de uma forma reversa, onde o falso conhecimento é sinônimo de poder perante uma sociedade de ignorantes.

Desta forma, quando alguém que não possui verdadeiro conhecimento, não tem base educacional suficiente para fundamentar suas questões políticas, e possui opiniões que ferem princípios éticos fundamentais, ganha uma posição na qual poderá expor seus pensamentos a multidões, verifica-se grandes catástrofes. E desta forma, cria-se uma corrente de pessoas que se tornam parasitárias de ideias alheias às delas, e assim, acabam caindo em uma rede de desinformação.

3.1.1 A facilidade de acesso à desinformação

Atualmente o conhecimento pode ser encontrado de forma muito mais veloz e prática que no século passado. Com a criação da ARPANET², durante a Guerra Fria, deu-se início a uma nova era histórica, a era digital. E com a evolução desta tecnologia, transformando-a no que conhecemos hoje como Internet, adotada pelo Brasil em 1995, para fins comerciais, os povos se interligaram, e a informação hoje é transportada em milésimos de segundos.

Entretanto a globalização das informações, como todos os mecanismos criados pelo homem, também pode ser meio para se atingir fins não tão agradáveis, portanto, essa faca de dois gumes, se utilizada de maneira equivocada, pode tornar-se destrutiva.

Da mesma forma que se encontra uma gama infinita de conhecimento, também pode-se cair em armadilhas pregadas por aqueles que buscam alienar e agarrar o máximo de mentes despreparadas para produzir-lhes uma *lavagem cerebral*.

Tudo é facilitado com o acesso a Internet, e quem detém este instrumento diminui quem não o possui, mas engana-se aquele que se sente seguro em relação às informações contidas nesta.

A Internet não existe, pelo menos não da maneira como muitos imaginam existir. Não ha uma maquina que contenha todos os arquivos e informações que correm por ela, o que existe é uma conexão entre milhões de computadores, que formam uma rede de transmissão de dados, e a esta rede damos o nome de Internet. E é por isso, que qualquer pessoa que tenha

o acesso a esse emaranhado de conexões, possui o poder de compartilhar aquilo que lhe é de interesse.

Atualmente, as redes sociais tornaram-se palco para discursos polêmicos, discussões acaloradas, o que chamou a atenção do grande público, e o incentivou a participar destes movimentos. E como todos possuem o direito de livre expressão, acabam por dispor suas opiniões nas redes, tornando-as públicas a centenas de milhares de outros *internautas*. Nota-se, porém, que em sua maioria, essas opiniões são infundadas e descabidas, e a partir do momento em que pessoas sem conhecimento necessário acessam tais informações acabam por aderir-las.

Por tanto o desconhecimento caminha ao nosso lado, e com uma educação deficitária, e uma capacidade de reflexão pouco desenvolvida, muitos se tornam presas fáceis de ideais deturpados e pouco condizentes com a real situação da nossa sociedade.

3.2 Intolerância e violência

A falta de conhecimento, educação, senso crítico, etc., acarreta problemas não só para aqueles que os possui, mas para toda uma sociedade, para uma nação, e isso não é especificidade do nosso país. Genocídios ocorreram por falta de tais preceitos mínimos, como o ocorrido na Alemanha, em seu período mais horrendo, onde pessoas foram levadas a acreditar em ideologias fascistas e antisemitas, criadas por um líder sádico durante o regime nazista. Além de várias outras situações, onde surgem, a partir da intolerância, a violência contra mulheres, a xenofobia, homofobia, e o racismo. *Prejudice is the child of ignorance* que em tradução livre significa “O preconceito é filho da ignorância”, frase de William Hazlitt, escritor inglês, fomenta esta ideia.

No Brasil, nota-se claramente o despreparo de parte da população em momentos delicados, como os que estamos vivenciando. Manifestações contra a regência do país estão sendo realizadas, o que fortalece uma democracia, porém as maneiras pelas quais o povo está se utilizando para erguer sua voz, em muitas das vezes, torna-se grosseira e violenta. Visto que a divergência de opiniões é um ponto crítico na nossa sociedade, as diferenças acabam tornando-se lutas, surgindo um clima de intolerância.

Diante toda esta desorganização, nos retorna mais uma vez a deficiência na educação, pois onde falta conhecimento muitas vezes sobre intolerância e ódio, quando não há argumentos formais parte-se para uma violência informal. E de forma cíclica, a cultura da

intolerância é transmitida juntamente com a herança, e a cada dia mais jovens são levados a violência e distanciados da realidade. De maneira a desprepara-los para uma vivencia em sociedade, tornando-os indiferentes a educação, de forma a se desinteressarem pelo ensino.

A partir do momento em que as escolas já recebem jovens sem base para uma convivência em sociedade, sem o mínimo de educação esperada, a situação torna-se caótica. Juntamente com a falta de investimento na educação por parte do Estado, o ciclo torna-se cada vez mais resistente, e a violência cada vez maior, e a ignorância torna-se um acessório indispensável para o dia-a-dia do brasileiro.

4 Manipulação

O livre pensamento, o questionamento e as reflexões críticas, nem sempre são do agrado daqueles que detém o poder. Desde tempos remotos, situações de desaprovação e repressão explícita de pensamentos contrários ao majoritário, ou mesmo ao aceitável, foram apresentados pela historia. E com o passar dos séculos, essas formas de controle de pensamento foram tornando-se cada vez mais atuantes dentro das sociedades, inclusive nas mais evoluídas comunidades mundiais.

O termo manipulação possui uma variedade imensa de significados, além de intermináveis situações possíveis de aplicá-lo. No entanto, em seu sentido etimológico, o termo “manipular” é composto, por sua vez, das raízes latinas manus (mão) e pleo (encher), desta forma, em sentido literal, seu significado primário esta relacionado à ideia daquilo que pode ser contido ou levado nas mãos. De acordo com o intuito do trabalho, tratemos deste termo como uma maneira de alienar a essência humana, de forma a reificar a humanidade do ser, transformando este em simples objeto em meio a outros, propiciando uma facilidade de controla-lo.

É de conhecimento abrangente a frequência da pratica de manipulação durante regimes autoritários, usada como meio de amansar a população, “domesticar” as massas. Como exemplo, podemos relembrar do período em que a Alemanha sucumbia à ideologia nazista, a qual controlava e regia a população com discursos apaziguadores e patriotas, enquanto milhares de pessoas eram mortas por serem consideradas ‘impuras’.

E claro, o Regime Militar no Brasil também se usou da manipulação para apresentar ou ocultar a realidade de acordo com suas necessidades. Ambas utilizando-se de meios de comunicação para fortalecerem suas intenções, e abrangerem maior número de “ovelhas”.

Entretanto, não é exclusividade da ditadura, nos Estados Democráticos também é frequente sua existência, porém, maquiada.

De fato, a manipulação esta presente no cotidiano do cidadão enquanto trabalhador, estudante, consumidor, etc., de forma nem sempre clara, já que muitas vezes vêm implicitamente incluída em discursos, palestras, reuniões e propagandas, e acaba sendo imperceptível a muitos. Entretanto, é com esta sutileza que ela penetra no pensamento humano, não forçando entrada, mas também não batendo à porta.

4.1 Indústria cultural

A manipulação necessita de aparatos para se estabelecer em uma sociedade sólida, de maneira singela, porém marcante. Desta forma, a necessidade de meios para ampliar maciçamente o alcance desta prática tornou-se iminente, mas de que forma poder-se-ia alcançar tais meios? Ora, penetrando naquilo que é criado pelo homem, aquilo que integra uma nação, e transformar tal criação em possibilidade de controle. E o que seria isto? A própria cultura. Sim, a cultura é o que rege e perpetua-se nas entranhas de qualquer sociedade, aquela que acompanha a humanidade desde o amanhecer de sua consciência.

Por muito tempo, a arte possuía sua aura presa à religiosidade, sendo criada com a finalidade de divinizar o mundo, aproximar os homens aos deuses, tanto nas crenças politeístas da antiga Grécia, como no monoteísmo da Idade Média. Walter Benjamin, em sua obra intitulada *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*, acompanha o percurso histórico e social percorrido pela arte, chegando a sua futura autonomia. O autor apresentava a autonomia cultural como sua desvinculação ao sagrado, e valorava sua exposição, para que se tornasse acessível a todos.

Com o intuito de democratizar a cultura, ocorreram mudanças significativas na maneira de reprodução desta, ampliando o acesso a ela, principalmente a pessoas que antes eram excluídas dos círculos culturais elitizados. No entanto, esse plano de democratização cultural falhou, frustrando a teoria de Walter Benjamin, pois a cultura tornou-se escrava de um novo senhor, o mercado capitalista, desta forma, nasce a indústria cultural, expressão cunhada por Theodor Adorno e Max Horkheimer, ambos da Escola de Frankfurt³, na obra intitulada *Dialética do esclarecimento* (1947).

Assim, não houve democratização, mas sim uma massificação, onde a cultura tornara-se mera mercadoria. Segundo Adorno e Horkheimer, neste sistema a arte não mais transcende

o mundo, não há mais sensibilidade, criatividade e crítica, a cultura vive um ciclo de repetições, não há inovação, não há sonho para a arte.

A cultura, dentro das sociedades pós-modernas, foi dividida, fato este decorrido pelo predomínio de um ideal capitalista, de acordo com o seu público de destino. A cultura das elites, mais rebuscada e complexa, dirigida a um público restrito, a popular, criações de artistas da classe trabalhadora, e a cultura de massa, caracterizada como a reprodução simplificada da cultura erudita, destinadas ao consumo em larga escala.

A partir do momento em que poucos têm acesso a cultura erudita, elitizada, até mesmo pelo seu curto alcance e financiamento, a maioria dos cidadãos acostumam-se as culturas massificadas, que por regra possuem caráter ilusório e acrítico, por serem objetos de consumo criados, ou moldados, para vendagem e reprodução em escala industrial, sem o intuito de manter a força simbólica artística.

A indústria cultural promove a figura do “consumidor médio”, ao qual são atribuídas capacidades intelectuais “médias”, para assim oferecer-lhes produtos culturais “médios”.

A indústria cultural vende cultura. Para vendê-la, deve seduzir e agradar o consumidor. Para seduzi-lo e agrada-lo, não pode choca-lo, provoca-lo, fazê-lo pensar, fazê-lo ter informações novas que o perturbem, mas deve devolver-lhe, com nova aparência, o que ele já sabe, já viu, já fez. A “mídia” é o senso comum cristalizado que a indústria cultural devolve com cara de coisa nova. (CHAUI, 2005, p. 292).

Em decorrência desta uniformização do pensamento, e deste empobrecimento cultural-social, a sociedade como um todo se tornou alvo fácil para uma manipulação externa. Com seu intelecto alienado, a massificação tornou-se estratégia primordial a um governo politicamente corrupto.

4.1.1 Mídia de rebanho

No período em que vivemos, a informação é vital ao homem, e é através de jornais, revistas, internet, livros, televisão e rádios que podemos adquiri-la. Desta forma, os meios de comunicação e propagação de informações possuem grande influencia dentro do mundo moderno, e, não obstante, seu poderio é quase ilimitado.

De forma paradoxal, a televisão, os jornais, etc., podem nos fornecer o mundo inteiro em questão de minutos, notícias, informações, conhecimento infundável, no entanto, na

maioria das vezes, o que nos fornecem são rastilhos da realidade, conteúdos fragmentados, de caráter duvidoso. Em geral, os noticiários tem o intuito de direcionar o pensamento do espectador, sempre com um teor de imparcialidade, e sempre que necessário, utilizando-se de técnicas desleais para tal.

A propaganda não foge ao tema, muito utilizada para hipnotizar os consumidores, apresentando produtos de forma magistral, mesmo tais sendo demasiado supérfluos, já foi utilizada como arma no governo nazista, onde Hitler falava sobre sua ideologia cruel para as massas.

A propaganda hitleriana mergulha suas raízes nas mais obscuras zonas do inconsciente coletivo, ao gabar a pureza do sangue, ao glorificar os instintos elementares de violência e destruição, ao renovar por meio da cruz gamada remotíssima mitologia solar. Hitler é a força, a única força real, e como toda gente está com ele, é preciso que faça o mesmo, eu, homem da rua, se não quiser ser esmagado.⁴

Exemplos claros deste tipo de “expressão” da manipulação são frequentes no histórico midiático brasileiro. A cobertura sobre as manifestações de 1984, as Diretas Já, por parte de certas redes de televisão, foi considerada dissimulada e demasiada tendenciosa, diminuindo a manifestação popular a uma simples comemoração. Um dos casos mais famosos do Brasil ocorreu em 1989, durante as eleições diretas para presidência, na qual Fernando Collor e Luiz Inácio Lula da Silva enfrentavam-se no segundo turno, e após um debate entre ambos, a Rede Globo de Televisão apresentou ao público uma versão manipulada, e tendenciosa, além de mostrar uma pesquisa telefônica com algumas perguntas, nas quais Collor teria saído vencedor. Porém, a pesquisa foi realizada pela mesma empresa encarregada de montar a imagem de Fernando Collor. Atualmente, manifestações a favor do impeachment da presidente Dilma Rousseff ganharam grande cobertura midiática, enquanto outras manifestações, como as realizadas pelos professores que reivindicam integridade, educação e melhores condições de trabalho, são praticamente descartadas do cenário jornalístico.

Essa imparcialidade da mídia acaba tornando-a uma formadora de opiniões, o que se distancia muito de sua real função. Com o seu alcance, esta ferramenta tornou-se uma arma perigosa quando utilizada por mão erradas, um meio maciço de manipulação e controle de massas, transformando o pensamento em utensílio supérfluo, a crítica em prática desnecessária, acomodou o pensamento do homem, e, enquanto a sociedade for tratada como mero rebanho, cada vez menos far-se-á necessário a disseminação de informação.

4.2 Políticas de descentralização de foco

Periodicamente, acompanhamos o nascimento de temas e discussões que somente servem para nos distanciar do verdadeiro foco. Não é novidade sabermos, que quando a situação nacional se agrava, manobras diversionistas são utilizadas, de forma a levantar bandeiras e debates inoportunos, sempre para ofuscar a realidade precária do nosso país, e demais problemas nacionais, como a corrupção, a miséria, a fome, etc.

O governo cria seus próprios problemas, afetando saúde, educação, os trabalhadores, e, geralmente, tende a propor soluções nada satisfatórias, muitas vezes desconexas com a real necessidade atual. Como acontece com o problema da violência no país. A discussão sobre pena de morte já surgiu diversas vezes no cenário político e social, porém de maneira equivocada, pois tal método não apresenta solução viável, muito menos uma queda nos índices de violência. Entretanto, a intenção não é uma solução para a violência, e sim uma solução para a comoção social contra os atos de corrupção, e para esta causa, a referida solução mostra-se altamente eficaz.

4.2.1 Redução da maioria penal

A maioria penal em nosso país se dá aos dezoito anos de idade, possibilitando assim, a aplicação da norma penal e não mais o ECA (Estatuto da Criança e do Adolescente).

Nos últimos meses, desenvolveu-se tremenda discussão a respeito de uma diminuição desta faixa etária (coincidentalmente, próxima da explosão de esquemas de corrupção), para a idade de dezesseis anos, com o intuito de enrijecer a legislação, para não restarem impunes, segundo os favoráveis desta redução, os criminosos, atualmente, menores de idade.

Esta discussão mostra-se, no mínimo, discrepante, a julgar pelas condições do nosso sistema carcerário, pela ressocialização dos detentos, e mesmo, pelo baixo envolvimento de jovens entre 16 e 17 anos em crimes graves. Muitas vezes o jovem é incitado, por maiores de idade, a cometer crimes, como tráfico, roubos, etc., o que nos faz refletir, que no caso de uma redução, os jovens menores de dezesseis anos seriam os próximos a serem recrutados.

É infrutífera a discussão, o ECA possui mecanismos para repreender estes jovens, de forma mais eficaz, visando uma recuperação do menor. O que deve ser frisado, com certeza, é

a rigidez na aplicação do Estatuto, pois, de forma correta, a legislação atual é eficiente no combate à criminalidade e ao auxílio do menor.

No entanto, a discussão é cada vez mais alimentada, a população, muitas vezes pressionada, escolhe um posicionamento, sem ao menos refletirem sobre as consequências, de forma a fomentarem uma opinião que contraria a necessidade do país. E assim, enquanto esta, e outras várias discussões, estão em andamento, a realidade do Brasil é a mesma, o descaso com o cidadão não diminui, as práticas de corrupção são encobertas e abafadas.

5 A segregação da sociedade

O Brasil possui uma população gigantesca, mas que, porém, não parece, de fato, uma população unida. Diferentemente do *status* de sociedade acolhedora, sociedade familiar, e da ideia de que mesmo o Brasil possuindo uma população diversificada, a fraternidade é lei dentro de nossas fronteiras, a realidade, ultimamente, contraria tais concepções. De fato, a aparência de povo sofrido, porém educado, aquela população alegre, que sorri dos próprios problemas, caiu por terra há tempos. Uma ruptura entre a sociedade surgiu, não obstante, o povo luta entre si, se autodestrói, enquanto a situação precária dentro do Estado perdura, e se renova, e mais, alimenta-se das desavenças e do enfraquecimento social.

O fato é, que enquanto as pessoas lutarem umas contra as outras, enquanto houver discriminações e ódio e, a segregação social apenas aumenta, dificultando o alcance de uma possível solução para a corrupção e os demais pesares atuais. Enquanto celebramos nosso Estado, que não é nação, comemoramos a juventude sem escola e também nossa desunião⁴, fortalecemos a fragmentação social.

Existe um ciclo, dentro do Estado, que impede uma evolução social, que surge sempre com a ganancia, egoísmo, com a indiferença com o próximo, transformando a corrupção em necessidade para se viver em sociedade, e com baixa educação, com investimentos mínimos na formação intelectual dos jovens, cria-se um povo suscetível ao controle e manipulação, que não consegue enxergar a realidade, e muito menos, lutar de forma sã, pela mudança. O ambiente perfeito para o desregramento estatal é criado, hoje os diferentes interesses e ideologias políticas entram em conflito com frequência, a ordem esta se desfazendo em intolerância, não há mais força popular, a sociedade esta desfigurada, e, quanto mais enfraquecida e segregada a sociedade se encontra, maior é a facilidade de controlá-la e a corrompê-la.

5.1 A desestabilização do “poder que emana do povo”

A Constituição Federal de 1988, em seu artigo 1º, parágrafo único, determina, “todo o poder emana do povo, que o exerce por meio de representantes eleitos ou diretamente, nos termos desta Constituição”, assegurando assim, que o detentor do poder é o próprio povo. No entanto, com o fenômeno da segregação social, o poder desestabiliza-se, enfraquecido e diminuído a nada. A sociedade torna-se indefesa perante um Estado munido de tamanho poder de controle, e, ao mesmo tempo, continua a perseguição à objetivos de menor interesse, ou mesmo, por lutas desnecessárias e deflagradas.

De forma cíclica, tudo retorna ao *status quo ante*, e, tudo parece voltar a normalidade, a corrupção é abafada, as manifestações cessam, o homem corrupto volta à política, com novo discurso inspirador, e a nação parece se esquecer do passado, até a eclosão de um novo escândalo político, envolvendo nossos representantes, e a instauração de uma nova crise. E até quando tais práticas continuaram reincidindo na nossa história? Até quando a nação continuara fechando os olhos a realidade, continuamente mascarada pelo cinismo do Estado?

Enquanto o monopólio da ignorância reinar absoluto dentro do nosso país, a futilidade vier primeiro que a realidade, o sectarismo viver nos discursos destinados as massas, e a hostilidade fazer parte do caráter humano, nossa sociedade nunca se tornará uma nação, continuara sendo uma sociedade desunida e enfraquecida.

6 Considerações finais

Tendo em vista os aspectos observados, percebe-se que, mesmo a corrupção sendo altamente denunciada nos últimos tempos, esta, não é privilégio deste século. Observa-se que a instauração de uma educação de baixa deficitária, com o passar das décadas, ajudou a fortalecer um sistema corruptor, que se aproveita da “imaturidade” de um povo, para manuseá-lo e iludi-lo, abrindo caminho para o desvio de foco. A massificação social não torna um povo unido, e sim, um povo frágil.

O poderio social é constantemente ameaçado e deflagrado, no entanto, percebe-se que as atitudes individuais, contribuem, mesmo que singelamente, para uma caminhada rumo a um verdadeiro Estado Democrático de Direito, onde haja real igualdade, honestidade e

fraternidade, e através da aceitação entre as pessoas dentro de um país, é que os interesses tornam-se fortes, e mutuamente criam uma Nação.

Desta forma, entende-se que é de suma importância a evolução social, uma guinada nas atitudes e pensamentos. É a partir do cotidiano que se inicia a reforma, não do topo da pirâmide.

Obviamente, com uma reestruturação social, e uma futura reorganização Estatal, medidas de reforma na educação pública, saúde surgiriam. No entanto, a sociedade tem que conscientizar-se de que para que haja tais consequências, a mentalidade e vontade de mudança, deve partir dela, e não deve apenas sonhar com modificações paliativas em curto prazo, pois estas não são a verdadeira solução para nossas necessidades.

Notas

1 Dados retirados do relatório de "Education at a Glance 2013" realizado pela OCDE

2 A ARPANET foi uma rede de longa distancia, criada em 1965, durante a Guerra Fria, com o intuito de proporcionar o compartilhamento de informações entre as principais universidades e centros de pesquisa dos EUA. É considerada a “mãe” da Internet atual.

3 A Escola de Frankfurt era formada por um grupo de intelectuais e estudiosos que visavam a criação do pensamento intitulado como Teoria Critica. Particularmente associada com o Instituto para Pesquisa Social da Universidade de Frankfurt.

5 Referência a musica *Perfeição*, pertencente ao álbum *O Descobrimento do Brasil*, composta por Renato Russo, integrante da banda Legião Urbana.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *A Política*. São Paulo: Martin Claret, 2012.

BECKER, Fernando. *Saber ou ignorância: Piaget e a questão do conhecimento na escola pública*. Psicologia USP v.1 n.1 São Paulo jun. 1990. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1678-51771990000100009&script=sci_arttext> Acesso em: 10 maio de 2015

BOBBIO, Norberto. *Dicionário de política*. 12. ed. Brasília: Universidade de Brasília - UnB, v.01. 2002.

CHAUI, Marilena de Souza. *Convite à filosofia*. 13. ed. São Paulo: Ática, 2005.

Revista Fafibe On-Line, Bebedouro SP, 8 (1): 15-31, 2015.

CORTELLA, Mário Sergio; RIBEIRO, Renato Janine. *Política para não ser idiota*. 7. ed. Campinas: Papirus 7 mares, 2010

DELLA Barba, Mariana. *Lista aponta '10 práticas de corrupção' do dia a dia do brasileiro*. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/noticias/2012/11/121024_corrupcao_lista_mdb.shtml> Acesso em 16 de abril de 2015.

DOMENACH, Jean Marie. *A Propaganda Política*. 2. ed. Tradução de Ciro T. de Pádua. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1963.

FILGUEIRAS, Fernando. *A teoria política da corrupção*. Texto apresentado no I Simpósio USP / IUPERJ de Pós-Graduação em Teoria Política. 2007

HAZLITT, William. *Men and manners: sketches and essays*. 1 ed. Londres: Ward Lock, 1852.

HOBBS, THOMAS. *Leviatã ou matéria, forma e poder de um estado eclesiástico e civil*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor Wiesengrund. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. 1. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.

NAHAT, Ricardo. *Anatomia da corrupção*. São Paulo: s.n., 1991.

VIEIRA, Ana Livia Bonfim. *Algumas Considerações sobre política e corrupção na Grécia Antiga*. Texto apresentado no XXIV simpósio nacional de história da ANPUH. 2007

VIEIRA, Leonardo; RANGEL, Andrea. *Brasil é o penúltimo em ranking internacional de investimento por aluno*. O Globo. Disponível em: <<http://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/brasil-o-penultimo-em-ranking-internacional-de-investimento-por-aluno-13873118>> Acesso em 25 de Abril de 2015

Recebido em 02/04/2015

Aprovado em 19/08/2015